



eq

# Quarterly

vol.III - n°1 | Março 2012

jardins japoneses

José Reis

3	editorial
4	sobre este projecto
5	a imagem do jardim
7	jardins japoneses
26	o fotógrafo
29	ficha técnica

eq  
Quarterly

editorial

Para além do que somos, todos construímos e habitamos o nosso jardim.

Um jardim é sempre um espaço privado e obsessivamente pessoal, simultaneamente material e imaginário.

Pode ser um, podem ser vários, próximo ou longínquo. Pode ser brilhante e escuro, cinzento de todas as cores ou, até, chumbo.

Faz-nos olhar noutras direcções, escutar os medos, descobrir as lógicas, experimentar outras linguagens, trilhar percursos que desconhecemos. É onde semeamos a nossa melancolia e traçamos os riscos possíveis, separando escalas e texturas, dias e noites.

O jardim é o plano privilegiado das nossas intenções e dos nossos segredos.

Por isso, qualquer um é nosso.

Jardins Japoneses, do fotógrafo José Reis, traz-nos tudo isto ao abrir novos caminhos à diáspora visual que tem percorrido, desde a sua inauguração, a programação da galeria aAR|74.

Este conjunto de imagens inclui algumas das minhas fotografias de jardins japoneses preferidas. Foram fotografadas, no decorrer dos últimos sete anos, no Japão e nos Estados Unidos.

Enamorei-me por estes jardins desde que me mudei para Portland, em 1996.

Foi em 2003, depois de muitas visitas ao Jardim Japonês de Portland, e quando viajava pelo Japão, que decidi começar este projecto.

Apesar das minhas fotografias serem sobre jardins japoneses, elas não se incluem na fotografia tradicional destes. Mesmo quando as fotografias, inevitavelmente, reflectem as características de uma estação do ano, elas não são sobre os efeitos sazonais, ou sobre o efeito do tempo nos jardins. Da mesma forma, apesar de imagens de Tsukiyama (jardins de elevações), Karesansui (jardins secos) e Chaniwa (jardins de chá) fazerem parte deste conjunto, o meu objectivo não foi documentar as suas diferentes paisagens.

A minha motivação e o meu estímulo derivam da estética do design japonês, como a vejo reflectida nos espaços, grandes e pequenos, dos jardins.

A minha visão pode ser partilhada, simplesmente seguindo o itinerário visual que vai da primeira à última imagem deste conjunto de fotografias. Apesar de tudo, as fotografias poderão ser apreciadas por elas próprias, sem expectativas, conhecimentos ou experiência prévia da estética dos jardins japoneses.

josé reis, novembro 2009

*This set of 30 images includes my favorite photographs of Japanese gardens. They were taken in Japan and North America, over the last seven years.*

*I have been enamored with Japanese gardens since moving to Portland in 1996.*

*After many visits to the Portland Japanese garden, in 2003, while traveling in Japan, I decided to start a project on Japanese gardens.*

*Although my photographs are about Japanese gardens, they are not traditional Japanese garden photography. Even when the photographs inevitably reflect the characteristics of a season, they are not about seasonal effects or the impact of time on the gardens. Likewise, though images of Tsukiyama (hill gardens), Karesansui (dry gardens) and Chaniwa (tea gardens) are included in this set, my purpose is not to document the different garden landscapes.*

*My motivation and stimulation derives from the aesthetics of Japanese design, as I see it reflected in large and small garden spaces.*

*You may share my vision by simply following the visual itinerary from the first to the last image of this set of photographs. Thus, you will be able to appreciate the photographs themselves, with no prior expectations, knowledge or experience of Japanese gardens' aesthetics.*

*joe reis, november 2009*

## a imagem do jardim

a fotografia sempre esteve ligada à natureza. Muitas das experiências primeiras da fotografia passaram pela impressão directa de elementos botânicos e sobretudo pelas inevitáveis vistas para o exterior. Não só pela abundância da luz, necessária inicialmente à impressão dos materiais sensíveis, mas porque a câmara fotográfica se tornou rapidamente no instrumento por excelência para olhar, registar e compreender o mundo, avocando para a fotografia um dos géneros maiores que habitavam a pintura, sobretudo em Inglaterra: a paisagem. A geometria do espaço, a organização visual de um ponto de vista para o exterior do sujeito, adequava-se à própria técnica fotográfica e transformava a veduta num cenário culturalizado que serviu diferentes propósitos ao longo da história da fotografia. Do inventário da paisagem com fins geográficos e geológicos, ligados ao conhecimento científico, ao mapeamento militar do território tendo em vista um melhor domínio e apropriação do espaço, há uma cartografia política que se estende, na maior parte das vezes subjectivamente, por cima das imagens, numa opaca transparência ligada ao domínio efectivo do território e dos seus habitantes. São caso disso os levantamentos territoriais feitos no Oeste americano em meados de oitocentos ou os levantamentos ligados ao património e às raízes culturais na Europa que, aliados ao elevado poder de descrição da fotografia, naquilo a que se veio a chamar a visão fotográfica, assente no puramente factual, construíram uma visão particular da paisagem e dos seus valores. Numa outra perspectiva de sentido, teremos de contar também com os exercícios meramente estéticos de fruição da paisagem, num entendimento coincidente com as abordagens românticas na criação de uma atmosfera concordante com as noções de sublime e que eram caras ao género pictórico. Neste esforço, contava essencialmente a ideia de aproximação entre géneros e, conseqüentemente, a aceitação da fotografia enquanto prática artística o que levou a fotografia a afastar-se das suas características intrínsecas ligadas ao poder descritivo e documental na deriva pictorialista que, associada à ideia de pitoresco, criou raízes profundas na prática fotográfica.

Nunca houve uma fotografia de jardins *tout court*. A paisagem, em sentido lato, foi sempre o objecto preferencial de representação e o jardim, enquanto tema, foi sempre circunstancial e surge em imagens dispersas por autores diversos. As excepções mais conhecidas encontram-se em Atget (1857-1927), que criou um corpus dedicado aos jardins dos arredores de Paris, no caso de Paul Strand (1890-1976) e da série que fez no seu jardim em Orgeval ainda que com um carácter muito fragmentário e intimista em relação a um entendimento global do espaço e, mais próximo de nós, em Howard Sooley e na documentação que fez do jardim de Derek Jarman (1942-1994), em Prospect Cottage, acabando mesmo por participar no seu desenvolvimento. No caso dos jardins japoneses, as primeiras imagens que nos chegaram vieram através das câmaras dos viajantes, pouco depois do aparecimento da fotografia. Sabe-se que Eliphalet Broen Jr, que acompanhou a primeira expedição dos EUA ao Japão terá fotografado a paisagem japonesa incluindo alguns jardins mas as placas resultantes terão sido destruídas num incêndio na casa onde estariam a ser trabalhadas para serem publicadas. Desta produção inicial, a mais conhecida será a de Felice Beato (1832-1909) que acabou por se estabelecer no Japão durante duas décadas.

O jardim ocupa um lugar simbólico, por vezes fundador, em diversas culturas, desde o jardim construído à imagem do paraíso ao lugar pensado para o prazer do intelecto ou dos sentidos. É um espaço pensado, artificial no sentido em que é resultado de uma cultura específica e a este respeito os jardins japoneses não são excepção. Surgem-nos como paisagens miniatura, idealizadas, com funções distintas desde a fruição estética e a recreação, à contemplação e meditação e nestes casos cada um dos seus elementos ocupa um lugar simbólico e metafórico (cada elemento está sempre no lugar de uma outra coisa, como a areia no lugar da água ou a rocha no lugar da montanha). Nada é deixado ao acaso no jardim e cada elemento tem uma significação própria. A miniaturização tem um papel fundamental

enquanto representação da natureza a uma escala reduzida, ao modo de um cenário ou de um diorama que muitas vezes tem o seu referente numa paisagem próxima, exterior ao jardim. Espacialmente, enquanto que no jardim budista pensado para a contemplação e a meditação tudo nos é dado a ver num único relance a partir de um ponto de vista singular, no jardim recreativo há um processo contínuo de ocultação/desocultação que vai surgindo à medida que nos movemos no espaço. A assimetria é o esquema mais usual de organização formal, que favorece pontos de vista oblíquos em relação ao espaço, tornando-os mais dinâmicos, semelhantes à experiência que se tem ao atravessá-los. Há igualmente um aproveitamento dos diferentes materiais que se encontram no jardim, com contrastes não só de cor e textura mas igualmente entre o natural e o artificial como é o caso da presença da arquitectura. As estruturas arquitectónicas têm tido relações diferentes com o espaço do jardim ao longo do tempo que vão de uma presença física evidente e autónoma a uma progressiva desapareição no espaço. Nalguns casos a arquitectura abre-se ao espaço do jardim através da remoção, por exemplo, de paredes exteriores que permitem criar molduras de enquadramento do jardim. Aqui, arquitectura e natureza, fundem-se num espaço contínuo anulando a dicotomia de pontos de vista entre interior/exterior que condicionam o observador e que marcam o lugar de onde ele olha o jardim e que foi alternando, consoante as tipologias e finalidades, entre o favorecimento de um ponto de vista a partir do interior ou de um ponto de vista a partir do exterior.

Realizadas ao longo de sete anos, é sobre estas questões que as fotografias de José Reis reflectem, sobre a percepção que temos destes espaços, sobre a sua natureza e a sua estrutura, sobre o modo como nos apropriamos destas paisagens miniatura e como com elas nos relacionamos. É sobre o ponto de vista que incidem estas fotografias. Não há nenhuma atenção às particularidades sazonais ou aos cambiantes no que aos efeitos visuais e atmosféricos são esperados encontrar habitualmente neste

tipo de fotografias. Não há uma tentativa de recorrer a uma estetização do lugar mas antes interrogar o espaço naquilo que ele apresenta ao nosso olhar. Por isso a cor seria igualmente supérflua neste caso. A redução ao preto e branco ajuda a concentrar a atenção naquilo que é essencial e a afastar as possibilidades de criação de efeitos pictóricos. Trata-se aqui de procurar o ponto de vista certo, entender o posicionamento do nosso olhar face ao espaço, estabelecer relações de escala, de alinhamento com o horizonte, conferir monumentalidade ao pormenor e integrar a presença da arquitectura. Sendo o jardim uma proposta ao nosso olhar e à meditação, encontramos nestas fotografias uma meta-jardinagem do olhar: através do rigor do enquadramento, ordenar uma paisagem previamente ordenada numa nova teia de relações e abrir lugar à metáfora. Nas sombras projectadas nas ondas da água feita areia, é a própria matéria fotográfica que aqui se materializa.

*francisco feio, março 2012*



ryoan-ji, kyoto, japão, 2003



komyozen-ji, dazaifu, japão, 2007



dry landscape garden, adachi museum of art, japão, 2003



honen-in, kyoto, japão, 2003



honen-in, kyoto, japão, 2003



jardim japonês, portland, oregon, usa, 2008



jardim japonês, gatineau, quebec, canadá, 2008



jardim japonês, portland, oregon, usa, 2006



korakuen, okayama, japão, 2007



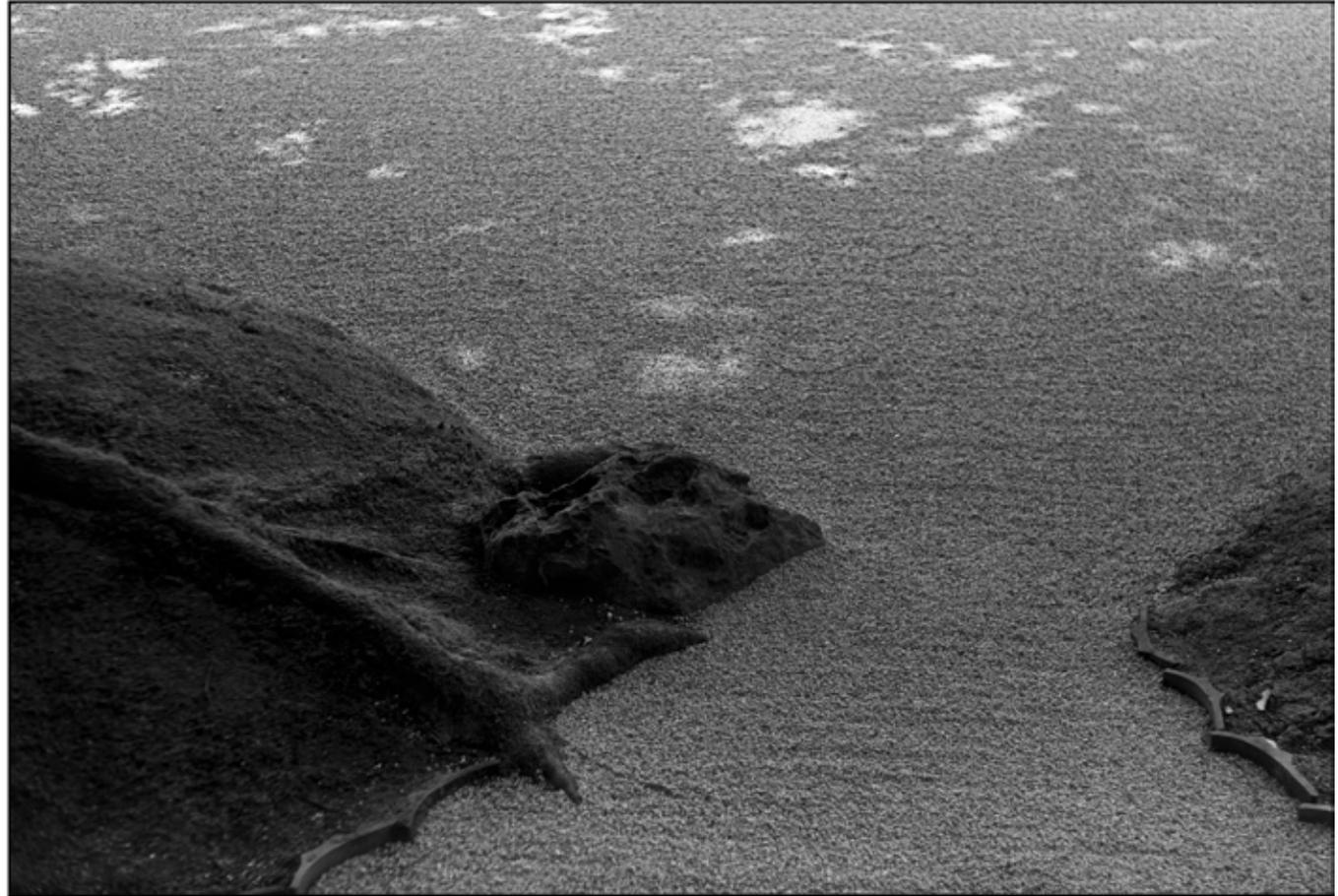
dry landscape garden, adachi museum of art, japão, 2003



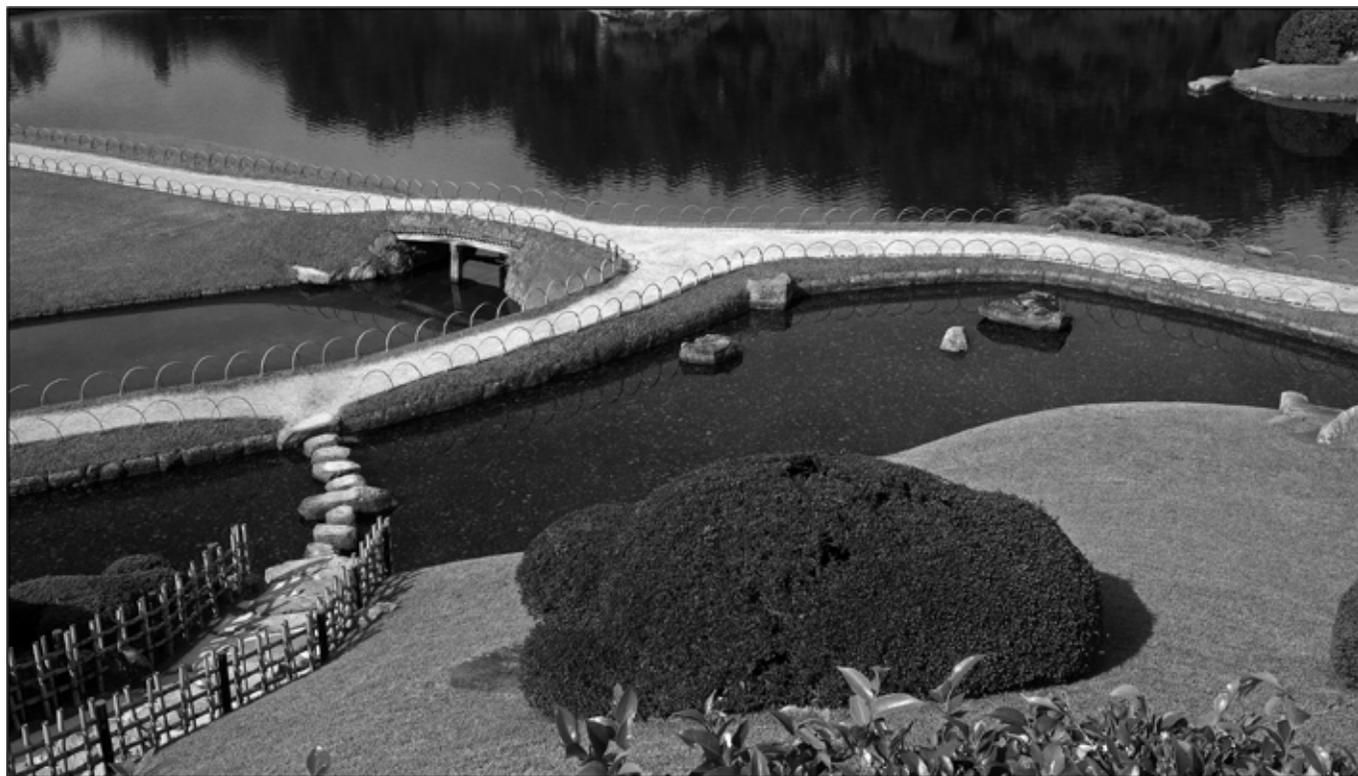
dry landscape garden, adachi museum of art, japão, 2003



korakuen, okayama, japão, 2007



dry landscape garden, adachi museum of art, japão, 2003



korakuen, okayama, japão, 2007



fumoto, chiran, japão, 2007



senganen (isoteien), kagoshima, japão, 2007



jardim japonês, portland, oregon, usa, 2007



joten-ji, fukuoka, japão, 2007



joten-ji, fukuoka, japão, 2007



ryoan-ji, kyoto, japão, 2003

## **o fotógrafo**

José Reis é um cidadão americano, nascido em Portugal e educado em Inglaterra. Reside em Portland, Oregon, USA, com a sua esposa, Julie Nakao. Após uma carreira como fotojornalista nas décadas de 70 e 80, trabalhou, até Novembro de 2011, como engenheiro de garantia de qualidade de software, no Estado do Oregon. Desde que se reformou, tem-se dedicado a projectos fotográficos pessoais.

### **Habilitações Académicas**

- Bachelor of Social Science with Honors (Political Science) - The University of Birmingham, Inglaterra, Julho 1974.
- Diploma em Fotografia (Fotojornalismo) - City of Birmingham Polytechnic, Inglaterra, Julho 1971.

### **Principais Exposições**

- Time Bytes - Instituto Português de Fotografia, Lisboa, 1999.
- Faces and Voices of Papua New Guinea - Michael Somare Library, UPNG, 1985.
- Fotografia Portoghese - Royal Palace, Caserta, 1982 (colectiva).
- Gente dos Têxteis - British Council, exposição itinerante - Gente dos Têxteis, Portugal, 1981/1982.
- Fotografia - Galeria da ESBAL, Lisboa, 1981 (colectiva).
- People in Textiles - Industrial Museum, Bradford, 1980.
- 6 Fotógrafos - Galeria JN/Centro de Arte Contemporânea, Porto, 1979 (colectiva).
- Eléctricos - Galeria da ESBAL, Lisboa, 1978 (colectiva).
- 6 Fotógrafos - Galeria Grafil, Lisboa, 1978 (colectiva).
- How Democratic Is Your Liberal Democracy? - Birmingham Arts Lab., 1974.

## **the photographer**

Joe Reis is an American born in Portugal and educated in England. He resides in Portland, Oregon, USA, with his wife, Julie Nakao. After a career as a photojournalist in the 70's and 80's, he worked as a Software Quality Assurance Engineer in the Pacific Northwest, until his retirement in November 2011. Joe Reis is now immersed in personal photography projects.

### **Education**

- Bachelor of Social Science with Honors (Political Science) - The University of Birmingham, England, July 1974.
- Diploma in Photography (Photojournalism) - City of Birmingham Polytechnic, England, July 1971.

### **Major Exhibitions**

- Time Bytes - Instituto Português de Fotografia, Lisbon, 1999.
- Faces and Voices of Papua New Guinea - Michael Somare Library, UPNG, 1985.
- Fotografia Portoghese - Royal Palace, Caserta, 1982 (collective).
- Gente dos Têxteis - British Council itinerant exhibition of People in Textiles, Portugal, 1981/1982.
- Fotografia - Galeria da ESBAL, Lisbon, 1981 (collective).
- People in Textiles - Industrial Museum, Bradford, 1980.
- 6 Fotógrafos - Galeria JN/Centro de Arte Contemporânea, Oporto, 1979 (collective).
- Eléctricos - Galeria da ESBAL, Lisbon, 1978 (collective).
- 6 Fotógrafos - Galeria Grafil, Lisbon, 1978 (collective).
- How Democratic Is Your Liberal Democracy? - Birmingham Arts Lab., 1974.

- How Democratic Is Your Liberal Democracy? - Photographers' Gallery, Londres, 1973.
- The Body Politic - Birmingham Post and Mail Building, 1971.
- 20th Anniversary of the Universal Declaration of Human Rights - UNESCO/Photokina, Cologne, 1968 (colectiva).

### Fotografias em Coleções Públicas

- Bibliothèque Nationale de Paris
- Bradford Art Galleries and Museums
- New Guinea Collection – University of Papua New Guinea
- Centro Português de Fotografia

### Publicações

(artigos de Imprensa e fotografias não listados)

- Brash, E., Reis, J., & Shimauchi, E. (1986) - Faces and Voices of Papua New Guinea – A National Family Album.
- Bathurst, Australia: Robert Brown & Associates. Fugmann, G. (Ed.). (1986) - David Anam: His life and art - (Fotografias de José Reis). Minneapolis: Augsburg Publishing House.
- Reis, J. (Ed.). (1982) - Fotografia Portuguesa 1970/1980 - Lisboa, Portugal: Secretaria de Estado da Cultura.
- Reis, J. (1981) - Gente dos Têxteis - Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Reis, J. (1980) - People in Textiles - Bradford, Inglaterra: Bradford Art Galleries and Museums.

### Referências Bibliográficas

- Sena, A. (1998) - História da Imagem Fotográfica em Portugal - 1839/1997 - Porto, Portugal: Porto Editora.

- *How Democratic Is Your Liberal Democracy? - Photographers' Gallery, London, 1973.*
- *The Body Politic - Birmingham Post and Mail Building, 1971.*
- *20th Anniversary of the Universal Declaration of Human Rights - UNESCO/Photokina, Cologne, 1968 (collective).*

### Photographs in Public Collections

- *Bibliothèque Nationale de Paris*
- *Bradford Art Galleries and Museums*
- *New Guinea Collection – University of Papua New Guinea*
- *Centro Português de Fotografia*

### Publications

*(press articles and photographs not listed)*

- *Brash, E., Reis, J., & Shimauchi, E. (1986) - Faces and Voices of Papua New Guinea - A National Family Album.*
- *Bathurst, Australia: Robert Brown & Associates. Fugmann, G. (Ed.). (1986) - David Anam: His life and art - (Photographs by José Reis). Minneapolis: Augsburg Publishing House.*
- *Reis, J. (Ed.). (1982) - Fotografia Portuguesa 1970/1980 - Lisbon, Portugal: Secretaria de Estado da Cultura.*
- *Reis, J. (1981) - Gente dos Têxteis - Lisbon, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.*
- *Reis, J. (1980) - People in Textiles - Bradford, England: Bradford Art Galleries and Museums.*

### References

- *Sena, A. (1998) - História da Imagem Fotográfica em Portugal - 1839/1997 - Oporto, Portugal: Porto Editora.*

- Sena, A. (1991) - Uma História de Fotografia - Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional.
- Photographers Encyclopaedia International 1839/1984 - Hermance, Switzerland: Editions Camera Obscura, 1985.
- Espaço T Magazine (Nº 38, agosto 1983) - Lisbon, Portugal: Revelivro.
- Fotografia - Lisboa, Portugal: ARTEOPINIÃO, 1981.
- British Journal of Photography 1981 Annual - Londres, Inglaterra: Henry Greenwood & Co. Ltd., 1980.
- Colóquio Artes (Nº 42, 1979) - Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Redbrick (October 17, 1973) - Birmingham, Inglaterra.
- Industrial and Commercial Photographer (April 1971) - Croydon, Inglaterra.
- The Photographer (March 1971) - Londres, Inglaterra.
- The Birmingham Post (February 2, 1971) - Birmingham, Inglaterra. Geifes, H. (Ed.). (1969).
- Junge Photographie International, Die Menschenrechte - Cologne, Germany: UNESCO/Photokina/ Verlag J.P. Bachem.

- Sena, A. (1991) - Uma História de Fotografia - Lisbon, Portugal: Imprensa Nacional.
- Photographers Encyclopaedia International 1839/1984 - Hermance, Switzerland: Editions Camera Obscura, 1985.
- Espaço T Magazine (Nº 38, agosto 1983) - Lisbon, Portugal: Revelivro.
- Fotografia - Lisbon, Portugal: ARTEOPINIÃO, 1981.
- British Journal of Photography 1981 Annual - London, England: Henry Greenwood & Co. Ltd., 1980.
- Colóquio Artes (Nº 42, 1979) - Lisbon, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Redbrick (October 17, 1973) - Birmingham, England.
- Industrial and Commercial Photographer (April 1971) - Croydon, England.
- The Photographer (March 1971) - Londres, England.
- The Birmingham Post (February 2, 1971) - Birmingham, England. Geifes, H. (Ed.). (1969).
- Junge Photographie International, Die Menschenrechte - Cologne, Germany: UNESCO/Photokina/ Verlag J.P. Bachem.

eq  
**Quarterly**  
vol.III - n.º1 | Março 2012

## jardins japoneses

autor\_ author | José (Joe) Reis

data\_date | março\_march 2012

edição\_editing | José (Joe) Reis

editor e copyright | equivalentes\_associação cultural

Av. Almirante Reis, 74 1B - 1150-020 Lisboa - Portugal - +351 960 412 567 - [equivalentes@equivalentes.org](mailto:equivalentes@equivalentes.org)

Com o alto patrocínio da Embaixada do Japão em Portugal  
With the honorable patronage of the Embassy of Japan in Portugal



apoios\_supporters |

**EPSON**  
EXCEED YOUR VISION

**CONTA 71**

